



CA (FN) **Nélio** de Almeida
nelio@marinha.mil.br

CMG (RM1-FN) **Edson** de Oliveira
cffnedson2000@yahoo.com.br

A Batalha de Retaguarda e a Logística de Sustentação: Marco Teórico



O CA (FN) **Nélio** é atualmente o Comandante do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais. É oriundo da Escola Naval. cursou os Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra, de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) da Escola de Guerra Naval e o *Command and Staff College and On-The-Job Training* nos Estados Unidos. Já Comandou o Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, o Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais e o Centro de Reparos e Suprimentos Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais. É, também, cursado nos cursos de Formação de Avaliadores de Prêmio da Qualidade do Governo Federal e de Autoavaliação de Gestão.



CMG (RM1-FN) **Edson** serve atualmente no Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais, como Chefe do Departamento de Difusão. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores (CEMOS) da EGN, em 2001, e o Curso de Política, Estratégia e Administração do Exército (CPEAEx) da ECEME, em 2010, como correspondente ao CPEM. Serviu no 3ºBtlInfFuzNav – Batalhão Paissandu – como Oficial de Estado-Maior e Comandante de Companhia, Comandou o 2ºBtlInfFuzNav – Batalhão Humaitá – e o Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro, comandou, também, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti, 3º Contingente. Possui MBA em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas.

O Espaço de Batalha

Inspirado no conceito do *United States Marine Corps* (USMC) do *Marine Air-Ground Task Force* (MAGTF) o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) desenvolveu o conceito de emprego em Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) que, já em 2010, foi alçado à condição de um dos três Eixos Estruturantes do CFN¹ (MONTEIRO, 2010, p. 35). As necessidades geradoras que levaram os americanos a optarem por essa filosofia de organização se referem à grande amplitude que tomou o apoio logístico nas Operações Anfíbias (OpAnf) bem como o apoio de aviação, tornando difícil para um único comandante tratar todos os aspectos relativos à operação, além de conduzir a manobra propriamente dita. Os MAGTF são organizados em quatro componentes principais: um Componente de Comando (CCmdo) (*Command Element*), um Componente de Combate Terrestre (CCT) (*Ground Combat Element – GCE*); um Componente

de Combate Aéreo (CCA) (*Aviation Combat Element – ACE*); e um Componente de Apoio de Serviços ao Combate (CASC) (*Logistics Combat Element – LCE*) (ESTADOS UNIDOS, 2011, p. 2-6) e (BRASIL, no prelo a, p.1-2).

Essa forma de organizar uma força combatente trouxe consigo uma outra vantagem, a possibilidade da aplicação da filosofia da divisão do trabalho, um conceito da ciência da administração.

O Espaço de Batalha é definido no Glossário das Forças Armadas como:

Espaço composto pelo ambiente e por fatores e condições que devem ser compreendidos para a adequada aplicação do poder de combate, proteção da Força e cumprimento da missão. Abrange [...] Forças amigas e inimigas, o espectro eletromagnético [...] na área em que uma Força exerce todas as funções do combate necessárias ao cumprimento de sua missão. É normalmente dividido em Áreas de Responsabilidade ou de Operações, de Influência e de Interesse. [...] O Campo de Batalha está incluído no Espaço de Batalha (BRASIL, 2015, p. 105/288).

¹Os outros dois são: o primeiro é valorizar a capacidade de realizar Operações Anfíbias e o terceiro é a adoção do estilo de Guerra de Manobra (MONTEIRO, 2010, p. 35).

Figura 1: Espaço de Batalha.

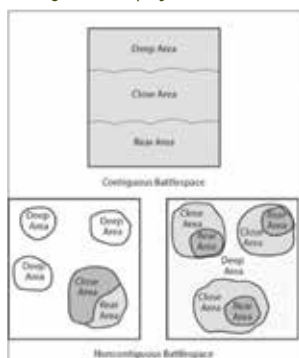


Figure 1. National contiguous and noncontiguous battlegroups (Deep Area/Close Area/Rear Area).

Fonte: LCE as Rear Area Command (CARLSON et al, 2019, p. 56).

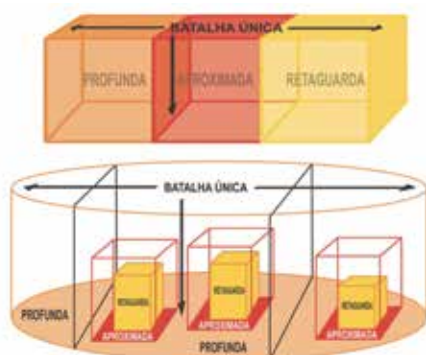
Com o advento da organização por componentes o Espaço de Batalha passou a ser tratado, também, segundo o preceito da divisão de trabalho, ele foi dividido em espaços dedicados à Batalha Aproximada, à Batalha Profunda e à Batalha de Retaguarda (ver Figura 1). O conceito se aplica quando para cada um desses espaços há um comandante para tratar de seus problemas específicos

e o Comandante do GptOpFuzNav, com uma visão holística do problema, deve se ocupar de integrar e coordenar os esforços de seus comandantes subordinados naquilo que seria a Batalha Única, ao mesmo tempo em que realiza ligações externas para coordenação de manobra, fogos, apoio logístico, aspectos estratégicos e outros, intra e extra força.

Às Batalhas já mencionadas agregou-se a Batalha de Comando e Controle. Amplamente debatido na Edição nº 50 da Âncoras e Fuzis. Elemento fundamental para a integração dos esforços dos distintos componentes e com importante papel frente ao ciclo decisório do inimigo. O Comando do GptOpFuzNav, operando segundo o conceito da Batalha Única, persegue a atuação integrada e compartilhada de seus componentes numa unidade de esforços, de forma a que os comandantes subordinados tenham uma percepção única do todo.

Essa organização também aborda outro moderno conceito de administração: o planejamento centralizado e a execução descentralizada. Novamente o intuito é de garantir unidade de esforço e possibilitar, ao subordinado, o exercício da iniciativa e a exploração de oportunidades. A Batalha Única deve-se valer do conceito de armas combinadas e do exercício do esforço principal, para que todos trabalhem em prol do que é prioritário (BRASIL, no prelo a, p. 1-8).

Figura 2: Divisão do Campo de Batalha.



Fonte: CGCFN-30 (BRASIL, no prelo a, p. 1-6).

Esse modelo organizacional confere flexibilidade e versatilidade pois combina as capacidades e potencialidades dos meios

de combate terrestre, aéreos, de apoio ao combate, de controle aerotático, de defesa antiaérea e logísticos, integrados por uma estrutura de comando e controle (C2) (BRASIL, no prelo a, p. 1-1).

Pensando no por vir do emprego dos Fuzileiros Navais podemos ver que há uma dificuldade na identificação de ameaças ao Brasil, ainda que essa percepção não encontre sustentação histórica. Todavia, na atual dinâmica do emprego do Poder Naval, fica fácil perceber a realidade das ameaças existentes que estão sempre a cobrar crescentes níveis de prontidão. O entorno estratégico brasileiro definido na Política Nacional de Defesa (PND) subentende um ambiente operacional marítimo e fluvial caracterizado como uma porta aberta para o intercâmbio de riquezas, ao mesmo tempo em que mostra perigos de toda a ordem (BRASIL, 2017a).

Não é difícil constatar que num futuro previsível nossos adversários empreguem meios convencionais e irregulares em uma forma híbrida de conflito. Essas operações podem envolver força militar e outros elementos de poder. Provavelmente essas operações devem ocorrer em situações emergenciais, de rápida mobilização e em condições austeras. Essas condições já conformam, hoje, e devem continuar conformando o Espaço de Batalha no futuro (ESTADOS UNIDOS, 2011, p. 1-15 a 1-17).

A projeção de poder sobre terra significa a transposição da influência do Poder Naval sobre uma área de interesse. O Poder Naval será capaz de projetar poder na medida em que dispuser de uma força com capacidade expedicionária - O Conjugado Anfíbio. Entendido como uma Força Naval com um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) embarcado e meios aeronavais adjudicados. A capacidade de aplicação do Poder Naval também passa por poder ser empregado em operações e ações de Guerra Naval; nas Atividades de Emprego Limitado da Força; e em Atividades Benignas (BRASIL, 2017b, 2017).

O Ambiente natural do GptOpFuzNav é, portanto, a Operação Anfíbia, operação típica para ser empregada na tarefa básica de projetar poder sobre terra, tanto no conflito, quanto na crise, quanto em tempo de paz. Pode ser adequada, também, para cumprir múltiplos propósitos em proveito das atividades de emprego limitado da força ou nas atividades benignas (BRASIL, 2017b).

Fruto dessa situação e da organização modular do GptOpFuzNav, ele é o elemento que melhor se adapta a uma determinada missão. Essa abordagem de blocos de construção também torna a reorganização uma questão de rotina. Além de seus componentes, lhe podem ser agregadas outras tropas especializadas, tropas de outras Forças ou nações. Uma característica fundamental do GptOpFuzNav é a sua capacidade de expansão, essa estrutura modular facilita a rápida expansão para uma força de maior vulto, conforme a situação exija (ESTADOS UNIDOS, 2011, p. 1-15 a 1-17).

A Batalha de Retaguarda

Particularizando o estudo da Batalha de Retaguarda, podemos dizer, desde já, que ela possui duas vertentes. Na primeira, são executadas as atividades de apoio de serviços a todos os

elementos da força e ocorre boa parte das atividades de Comando e Controle dos escalões superiores, as reservas podem estar se preparando para alguma tarefa, há instalações importantes para as atividades da força, tais como as próprias instalações logísticas, aeródromos, portos. Não podemos esquecer também que pode haver uma localidade com uma população demandante de serviços de toda ordem, que pode vir a dificultar as operações da força. Na segunda vertente, o gerenciamento da Batalha de Retaguarda deve se ocupar em proteger as atividades da primeira, assim como as tropas que as executam, com um mínimo de interferência. Para essa proteção o GptOpFuzNav executa as operações de Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR).

Como vimos na divisão de tarefas, o espaço onde se “joga” a Batalha de Retaguarda é o espaço natural do CASC, em outras palavras, “O conjunto de ações ligadas ao espaço de atuação do CASC configura a Batalha de Retaguarda. Esta batalha enfatiza a segurança e a continuidade das ações dos demais componentes” (BRASIL, no prelo a, p. 1-7).

Da mesma forma que o GptOpFuzNav possui, no seu Espaço de Batalha, Áreas de Operações, de Influência e de Interesse, o CASC também terá suas respectivas Áreas de Operações, de Influência e de Interesse. A primeira área corresponde, logicamente, a própria Área de Retaguarda. A Área de Influência vai abranger boa parcela da dedicada à Batalha Aproximada, pois lá o CASC deve ter condições de enviar comboios com suprimentos, realizar salvamentos, instalar Postos de Controle de Trânsito, executar serviços, evacuar baixas e muitas outras atividades. Deve-se agregar a esta última uma razoável parcela da área dedicada à Batalha Profunda pois lá estão elementos de combate como pessoal de reconhecimento e vigilância, elementos de operações especiais e até tropas de linha, que são demandantes de suprimentos e serviços como os demais, bem como as áreas de retaguarda de forças amigas. A Área de Interesse vai abranger boa parcela da dedicada à Batalha Profunda, pois de lá podem partir elementos combatentes inimigos, regulares ou irregulares, capazes de interferir na missão do CASC na Segurança da Área de Retaguarda.

Normalmente, a delimitação do Espaço de Batalha é representada linearmente onde as unidades encontram-se contíguas na Área de Operações, em largura e em profundidade. Porém, é pos-

Figura 3: Ataque Suicida em Beirute, em 1983, resultou na morte de muitos *Marines*.



Fonte: <<https://fpif.org/wp-content/uploads/2014/05/BombenanschlagUS-BotschaftBeirut.jpg>>.

sível que o GptOpFuzNav receba a tarefa de conduzir uma Operação dentro do Espaço de Batalha com frentes e profundidades não lineares. Nesse caso as ações da Batalha de Retaguarda podem ser conduzidas nas áreas em que são desenvolvidas as Batalhas Aproximadas. Essa situação é passível de ocorrer quando a missão impõe a dispersão das peças de manobra, como nos casos de segurança de instalações (portos, aeroportos, embaixadas etc), na guerra irregular e no combate ao terrorismo (Figura 2) (BRASIL, no prelo a, p. 1-5 a 1-6).

A batalha de retaguarda ganhou contornos dramáticos quando o campo de batalha perdeu sua linearidade (figuras 1 e 2). Particularmente as áreas de operações, de influência e de interesse se mesclaram, em maior grau, com as dos demais componentes do GptOpFuzNav. Ainda assim continua válida a divisão de tarefas entre esses comandantes que operam nas batalhas profunda, aproximada e de retaguarda, posto que suas tarefas conservam suas peculiaridades, mas devem se complementar e se apoiar mutuamente, essa necessidade será crucial no compartilhamento de informações. Operações como Somália, Afeganistão e Iraque desafiaram as noções tradicionais dessa divisão de espaço. A guerra irregular pode envolver todas as áreas de operações, compartilhando o mesmo espaço, comprimindo o tempo entre ações táticas e efeitos estratégicos. Entretanto, em face às ações de guerra irregular, as operações na área de retaguarda podem ser mais uma função do tempo ou da atividade do que do espaço em si (ESTADOS UNIDOS, 2011 p. 3-12 - 3-13).

O CASC deve ser organizado para oferecer todas as funções de logística necessárias a manter a disponibilidade dos meios e a sustentação continuada do GptOpFuzNav. Outros serviços podem-lhe ser agregados, como correios, apoio religioso e moral, recreação e outras atividades. Ele pode variar em tamanho e composição, a exemplo da organização-por-tarefas do próprio GptOpFuzNav. Também pode operar a partir de bases marítimas, segundo o conceito de *Sea Basing* ou de bases estabelecidas em terra (ESTADOS UNIDOS, 2011, p. 2-8).

Os GptOpFuzNav realizam operações em suas respectivas áreas de retaguardas. A sustentação de suas forças e segurança são normalmente as atividades dominantes na área de retaguarda, ambas garantem a liberdade de ação, a continuidade logística e o exercício do comando e controle das operações. O comandante que ficar com o encargo de conduzir as ações na área de retaguarda, para conduzir ambas as ações pode necessitar de recursos adicionais, tais como força de combate, recursos de apoio de fogo, de apoio aéreo, elementos de inteligência e elementos de comando e controle (ESTADOS UNIDOS, 2011, p. 3-12 a 3-13).

A Logística e o Apoio de Serviços ao Combate

Logística, do ponto de vista mais amplo do conhecimento humano, é um termo comumente usado para descrever o processo de aquisição, manutenção, distribuição e substituição de recursos. Tais atividades possuem muitos pontos em comum

com a Logística Militar que se vale desses conceitos, técnicas e tecnologias, adequando-os às especificidades e necessidades militares. A Logística é a ciência de planejar e executar a movimentação e a manutenção de uma força militar durante sua missão. Ela deve prover os recursos necessários para que a força disponha de poder de combate suficiente nos locais apropriados, dentro das Áreas de Operações (AOp), e os sustente durante toda a ação (BRASIL, no prelo b, p. 1-1).

A **Logística**, a **Estratégia** e a **Tática** são indissociáveis e devem nortear as análises do problema militar. O Comandante deve estar alerta para balanceá-las, posto ser a primeira vital para as demais que não podem ser sustentadas sem seus recursos. A interação desses três elementos determinará os objetivos a alcançar e os meios para atingi-los, estabelecendo, em última análise, a relação entre o “desejável” e o “possível”.

O que se espera da Logística e o que ela é capaz de fornecer são profundamente influenciados pelas circunstâncias do conflito, aí incluídas a geografia, o clima, o tempo, os recursos, a tecnologia, a população, a cultura, a política, o estilo de guerra, enfim, todos os parâmetros existentes no Espaço de Batalha (BRASIL, no prelo b, p. 2-1).

A conjunção de incerteza², fluidez³, fricção⁴ e da dimensão humana⁵ conformam uma das principais características da natureza da guerra a desordem ou o caos do combate. A Logística não escapa ilesa a essa realidade. Os logísticos devem, sempre que possível, evitar as duas posturas antagônicas resultantes desse caos. Na primeira, os profissionais da Logística se rendem à inevitável desordem e buscam compensá-la abrindo mão de virtudes, como a economia. Na segunda, buscam compensar a falta de um ambiente ordenado com a adoção de procedimentos burocráticos, que visam apresentar uma falsa ideia de ordem. Como de costume, a virtude está no meio. O logístico deve balancear essas tendências evitando o excesso de desperdícios sem abrir mão da eficácia na prestação do apoio logístico (BRASIL, no prelo b, p. 2-3).

A Logística não pode ser reduzida a um grupo de procedimentos padronizados, mas há muitos benefícios no seu uso, eles contribuem para minimizar os efeitos da fricção e orientar ações em ambientes de incerteza. É mister entender que ela é ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Como ciência, beneficia-se

²Boa parte do esforço logístico depende de cálculos que podem sofrer os efeitos da incerteza. O Logístico deve esperar que suas atividades sejam baseadas, muitas vezes, em dados incompletos e estimativas pouco exatas. É a consequência da “névoa da guerra” (BRASIL, no prelo b, p. 2-3).

³A fluidez da guerra é caracterizada pela continuidade dos acontecimentos e suas interdependências (BRASIL, no prelo b, p. 2-2).

⁴A fricção do combate é o aspecto da guerra que torna complexa a ação mais simples. A simplificação dos planos e processos podem reduzir essa fricção, apesar da inerente complexidade das Atividades Logísticas (BRASIL, no prelo b, p. 2-2).

⁵A dimensão humana, atributo associado à natureza da guerra, se caracteriza pela condução dos combates por pessoas, cujos comportamentos são influenciados por emoções, seres passíveis de serem impactados pelas agruras físicas, morais e intelectuais do combate. (BRASIL, no prelo b, p. 2-2).

de regras que possibilitam conformar uma base de cálculo para suas atividades, em que pese a natureza caótica da guerra, essa característica possibilita dar ao seu exercício alguma previsibilidade no campo de batalha. Como arte requer a aplicação criativa do conhecimento científico por meio do julgamento, experiência e intuição na busca de soluções práticas para sua execução. Afinal a aplicação pura e simples de fórmulas e procedimentos pode conduzir ao fracasso (BRASIL, no prelo b, p. 1-1).

Outra forma de entender a logística é que ela é a ponte que liga a capacidade dos recursos da economia de uma nação com suas forças de combate. O processo logístico é o meio pelo qual essa transição é efetivada. Esse processo se desenvolve, em qualquer nível, em quatro etapas: aquisição, distribuição, sustentação, e realocação. Esse processo obedece a um ciclo que deve ser percorrido diuturnamente e, quando suas fases são melhoradas continuamente, torna-se virtuoso resultando numa força cada vez mais bem aprestada. O ciclo tem três fases básicas em cujo início os utilizadores dos recursos demandados procuram realizar a **determinação de necessidades**. Segue-se a **obtenção** que representa a logística de produção, com seu caráter econômico, político e civil, típico da logística de alto nível. Posteriormente, os recursos reunidos passam à **distribuição** aos usuários. A determinação de necessidades é a base da logística que, junto com a distribuição, referem-se à logística de consumo, mais militar e mais voltada para os níveis operativos (BRASIL, no prelo b, p. 1-1).

Embora diferentes, os termos “Logística” e “Apoio de Serviços ao Combate” (ApSvCmb) costumam ser empregados indistintamente. Entretanto o ApSvCmb é a atividade que, efetivamente, fornece os recursos logísticos às Forças em combate, reúne as capacidades, funções, atividades e tarefas necessárias à sustentação das forças operando em um Teatro de Operações (TO). Está diretamente relacionado às atividades voltadas à sustentação das forças no Espaço de Batalha (BRASIL, no prelo b, p. 1-1).

Os profissionais da Logística, apesar de operarem, em geral, mais afastados da linha de contato, sofrem também os efeitos do combate, agravados pelas pressões dos encargos e responsabilidades inerentes às suas atividades. Os compensadores alvos das vulneráveis instalações logísticas e das linhas de comunicações muito distendidas sempre serão sérios candidatos a troféus de guerra para o inimigo. Essa realidade ficou potencializada quando caiu a linearidade do campo de batalha (BRASIL, no prelo b, p. 2-1).

O CASC provê ao GptOpFuzNav o ApSvCmb, por meio de execução das funções logísticas essenciais à sua operacionalidade, excetuadas aquelas atividades específicas de aviação (BRASIL, no prelo a, p.1-2).

A Guerra de Manobra depende muito do uso judicioso do tempo, o comandante busca operar em um ritmo maior do que o inimigo, conquistando a iniciativa. A logística contribui para esse ritmo ao distribuir rapidamente os suprimentos e reposicionar as forças para o combate. Na sua condução, a definição do Ponto Focal do Esforço (PFE), modela a ideia de manobra do coman-

dante, isso dá ao ApSvCmb uma clara sinalização de qual unidade de combate está exercendo o Esforço Principal. Onde estiver localizado o PFE, aí estará a mais alta prioridade no atendimento das atividades logísticas. Conhecer antecipadamente as expectativas do Comandante dá ao logístico a vantagem para se antecipar às necessidades do combate, a iniciativa confere liberdade de ação ao Comandante do CASC e aos demais comandantes (BRASIL, no prelo b, p. 2-5 a 2-7).

Para que a capacidade logística seja eficaz deve haver recursos humanos, doutrina, instrução, adestramento, procedimentos padronizados, organização, equipamentos e tecnologia. Os recursos humanos fazem o sistema logístico funcionar, seu grau de capacitação é determinante para minimizar os efeitos da fricção, seus fatores críticos compreendem: liderança, disciplina, atenção aos detalhes e capacidade de resposta. Entende-se por doutrina o conjunto de princípios e conceitos que fornecem a base para a ação harmônica e compreensão mútua. Sendo a filosofia de guerra de manobra um dos Eixos Estruturantes da Doutrina de Emprego do CFN, as capacidades logísticas do CFN devem atentar para tal filosofia. O adestramento é vital para o combate, e não seria diferente para a logística, realizada em conjunto permite o necessário entrosamento entre os diferentes componentes do GptOpFuzNav (BRASIL, no prelo b, p. 2-12).

A Proteção da Logística - Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR)

Vimos nos últimos conflitos que, depois de um grande sucesso inicial, com combates rápidos e de grande letalidade, implicando na neutralização de forças significativas, seguiu-se uma fase de dominação do outrora território inimigo. Nessa fase, ações espetaculares contra as tropas dominantes, particularmente elementos de logística como comboios, ocorreram com igual sucesso e efeitos devastadores para o outrora vencedor.

Atuar contra os elementos de retaguarda normalmente será a opção do mais fraco. Esses eventos, além de uma grande notoriedade e uma atenção para a causa do elemento mais fraco, muitas vezes um combatente irregular, desperta um sentimento de insegurança da força atacada, mesmo porque os danos são dirigidos contra combatentes menos preparados para o enfrentamento direto, ao mesmo tempo em que as capacidades de subsistência da força ficam comprometidas.

A natureza pouco combativa das instalações logísticas, seu afastamento da frente de contato, a extensão das linhas de comunicações, a importância para a preservação do poder de combate, fazem dessas instalações, muitas vezes vulneráveis, alvos compensadores. Isso enseja a adoção de medidas protetoras das instalações e unidades logísticas, além de um planejamento acurado das ações de Segurança da Área de Retaguarda (BRASIL, no prelo b, p. 2-5).

Cabe ao Comandante preservar a capacidade de combate do GptOpFuzNav. Ele, junto com seu estado-maior, analisa o Centro de Gravidade da própria força, assim como procura identificar

suas Vulnerabilidades Críticas passíveis de serem exploradas e planeja as atividades de proteção (BRASIL, no prelo a, p. 6-13). Assim como nos demais espaços, a Batalha de Retaguarda também deve ser **moldada**. O Comandante deve ser capaz de antecipar necessidades, facilitar a manobra dos demais componentes, moldar as expectativas de um possível inimigo, promover o engano, o disfarce, “camuflar” suas ações, protegendo as forças.

O propósito da Segurança de Área de Retaguarda é evitar ou minorar a interferência do inimigo em nossas atividades e controlar os efeitos de um possível evento destruidor ou catástrofe da natureza sobre as operações. Nesse ponto o prezado leitor vai permitir que lembremos uma conhecida “fórmula matemática”:

$$\text{SEGAR} = \text{DEFAR} + \text{CD}$$

Ela exprime um processo mnemônico que não é exatamente matemático e sim doutrinário. Na doutrina podemos dizer que a Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR) abrange, ou melhor, é a integração de dois tipos de ações a Defesa da Área de Retaguarda (DEFAR) e o Controle de Danos(CD) (BRASIL, 2011, p. 52/128).

De acordo com o manual do Ministério da Defesa (MD) todo comandante a quem for atribuída uma Área de Responsabilidade terá certamente uma porção que será a sua Área de Retaguarda, ele deve “designar o seu Controlador de SEGAR” (BRASIL, 2011, p. 52/128). Para o USMC há três opções para o exercício do comando e controle das operações da Área de Retaguarda: reter o comando e o controle com o comandante do GptOpFuzNav; designar um coordenador; e designar um comandante dessa área. Esse coordenador ou comandante normalmente estabelece uma instalação para o exercício do C2, a *Rear Area Operations Center* (RAOC) ou *Rear Area Command Post* (RACP), conforme o caso (ESTADOS UNIDOS, 2000, p. 7-4). Já no manual do CGCFN consta que “A responsabilidade geral pela SEGAR dos GptOpFuzNav cabe ao comandante do Componente de Apoio de Serviços ao Combate (CASC)” (BRASIL, 2020 p. 14-10).

Para qualquer dos casos, as instalações de C2 devem contar com uma célula logística e uma célula de operações para coordenar forças de segurança; como elementos de Polícia e força combatentes; agências de apoio de fogo; unidades de apoio de serviços ao combate; agências de controle de movimento; outras instalações de comando e controle; áreas de apoio e instalações de base; e outras organizações, conforme necessário (ESTADOS UNIDOS, 2000, p. 7-4).

Também para qualquer dos casos devem ser elaborados dois planejamentos distintos, o Planos de Defesa da Área de Retaguarda e o de Controle de Danos que se complementam, uma vez que a finalidade de ambos é a preservação das unidades desdobradas na área de retaguarda, das instalações, das atividades de apoio logístico e de C2 e das vias de transporte na área de retaguarda.

Um sistema eficaz de SEGAR deve primar por ter um único comandante que deve contar com um estado-maior com as capa-

idades necessárias para gerenciar tais tarefas e os respectivos meios de C2 que o habilitem a exercer esse comando; deve haver uma área de responsabilidade bem definida; deve contar com uma Força de Reação dimensionada segundo as possibilidades do inimigo levantadas; elementos de apoio ao combate e de apoio de serviços ao combate desdobrados; e, caso existam, elementos de Forças Auxiliares (BRASIL, 2011, p. 53/128 e 54/128).

É possível reduzir as necessidades de elementos para a segurança minimizando-se a **pegada logística** da força. Mediante o emprego do conceito de *Sea Basing*⁶, desde que haja condições de permanência de navios nas proximidades com segurança, ou então pode-se explorar o apoio da nação anfitriã, ou a infraestrutura existente. Isso reduz as necessidades de instalações na área de retaguarda, não só de logística mas também de C2 e outras (ESTADOS UNIDOS, 2011 p. 3-12 e 3-13).

A proliferação de armas de destruição em massa, além do aumento das ameaças terroristas, traz, sob o ponto de vista da segurança, riscos crescentes para uma força expedicionária que baseia seu apoio logístico em terra. Acrescentar tropas para a segurança dessa força, paradoxalmente, só fará agravar o problema da segurança, que pode acabar oferecendo um alvo compensador para forças inimigas de menor envergadura (BRASIL, no prelo b, p.3-12).

Defesa da Área de Retaguarda (DEFAR)

É um conjunto de ações e medidas para assegurar a normalidade no desempenho das atividades dos elementos dispostos nesse espaço (BRASIL, 2011, p. 52/128).

“A DEFAR compreende as medidas e/ou ações que tenham por finalidade evitar ou minimizar a intervenção do inimigo, visando a assegurar a normalidade no desempenho das atividades dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, além dos de comando e controle localizados nas respectivas áreas de retaguarda” (BRASIL, 2020 Pg 14-10).

É normal acreditar que nessa parte do campo de batalha o inimigo possa dispor da iniciativa das ações e que sua concretização pode ter um efeito desmoralizante e comprometedor para as atividades de comando e controle e apoio logístico. É normal, também, que tal inimigo, para contar com uma certa surpresa necessite ser mais leve, móvel e com efetivo reduzido, para que possa buscar o choque nas suas ações. Porém, a atenção ao trabalho da inteligência pode permitir conquistar e manter essa iniciativa nesse recorte do Espaço de Batalha.

O Plano de Defesa da Área de Retaguarda (DEFAR) deve buscar conter a ameaça inimiga, para isso é importante realizar uma análise contínua sobre as reais possibilidades do inimigo, inclusive quanto ao emprego de ações irregulares. Esses planos

⁶*Sea Basing* – Um dos três métodos básico de sustentação de uma força nas OpAnf, prevê a prestação do ApSvCmb a partir de plataformas marítimas para a tropa em terra. A prestação do ApSvCmb vindo do mar depende das condições climáticas e meteorológicas, especialmente no que tange ao emprego de plataformas aéreas para a distribuição de suprimentos (BRASIL, no prelo b, no prelo, p. 4-4).

deverem integrar todos os meios existentes na Área de Retaguarda. Uma DEFAR bem-sucedida, com a consequente destruição das forças inimigas na área de retaguarda, depende de um eficiente sistema de C2, da capacidade de as forças amigas reagirem rapidamente e cerrarem sobre o inimigo, quando localizado. A eficiência exige preparação e a realização de ensaios, além disso as forças designadas para a DEFAR devem ter um valor adequado capaz de conter as ameaças inimigas.

São vitais as vias de transporte por onde passam suprimentos e serviços que vão sustentar o esforço dos demais componentes do GptOpFuzNav, sua interrupção tem o condão de prejudicar o cumprimento da missão da força.

Figura 4: PO em Área de Retaguarda.



Fonte: O autor.

As instalações são vitais para a continuidade do ApSvCmb, portanto, para a DEFAR as suas defesas também são vitais. As tropas que as guarnecem devem ter uma capacidade mínima para defendê-las. Uma vez localizado o inimigo, a Força de Reação, dotada de mobilidade tática, desloca-se para bloquear a ameaça. Outros elementos da força de DEFAR não engajados são reunidos rapidamente, para a ação decisiva de sua destruição ou neutralização.

A natureza da ameaça pode exigir a existência de forças altamente móveis. A localização e a fixação do inimigo são os principais problemas na DEFAR, por isso é importante uma vigilância constante sobre áreas favoráveis às ações inimigas, combinado com um patrulhamento agressivo (BRASIL, 2011, p. 53/128).

Controle de Danos (CD)

O Controle de Danos é um conjunto de medidas preventivas e corretivas que visam minimizar os efeitos de qualquer evento destruidor decorrente de ações inimigas, de graves desastres ou de eventos da natureza e assegurar a continuidade ou a normalização da estrutura de comando e controle e do fluxo do apoio logístico. Essas medidas podem ser preventivas ou executivas: no primeiro grupo estão a camuflagem, a dispersão de tropas e instalações, a utilização de abrigos, os sistemas de alarme, a adoção de medidas de contrainformação e despistamento e a criação de uma sistemática de avaliação dos danos; no segundo grupo, as medidas, cujo foco é o restabelecimento das condições anteriores ao evento, devem ser desencadeadas imediatamente após a ocorrência dos incidentes, visam recuperar as estruturas

de comando e controle, o tratamento e evacuação das baixas, o combate a incêndios, a ação de destacamentos de controle de danos, o isolamento de áreas afetadas, o salvamento e outras ações (BRASIL, 2014, 2020).

Figura 5: Furacão no Haiti.



Fonte: O autor.

A Logística de Sustentação e seu Entendimento

O desdobramento bem-sucedido de um GptOpFuzNav, seu emprego pelo tempo planejado, a sustentação de suas capacidades por este tempo e sua realocação para outra missão é o resultado da coordenação de atividades de Apoio Logístico realizadas nos níveis estratégico, operacional e tático. Assim, a despeito do GptOpFuzNav atuar preponderantemente no nível tático. A logística voltada para os Fuzileiros Navais deve integrar os níveis estratégico, operacional e tático. Para tal, três níveis de gerenciamento logístico atuam de forma harmônica, integrada e coordenada: do Combatente; de Campanha; e de Sustentação (BRASIL, no prelo a, p. 6-11).

A Logística do Combatente refere-se aos militares em geral, considerados individualmente e as frações constituídas dos componentes que formam a organização-por-tarefas do GptOpFuzNav, incluindo o próprio CASC, reunindo os recursos transportados para o emprego imediato das tropas. São elas: a Carga Prescrita Individual (CPI) e a Carga Prescrita da Unidade (CPU) normalmente empregadas no ApSvCmb nas Operações Anfíbias (BRASIL, no prelo b, p. 3-3).

A Logística de Campanha refere-se ao GptOpFuzNav como um todo, incluindo a sua interface com o Comando da Força a qual está subordinado. Diz respeito aos recursos que o próprio GptOpFuzNav é capaz de conduzir até a área de operações e pode reunir ou armazenar em suas instalações logísticas, sejam elas em terra ou no mar (*Sea Basing*). Nas Operações Anfíbias são os Suprimentos Remanescentes⁷ (BRASIL, no prelo b, p. 3-3).

É na Logística de Campanha que a postura **proativa** é mais importante. O oficial de Logística deve contar com sua experiência para saber onde e quando o ApSvCmb será mais oportuno, conhecer a matriz de sincronização do planejamento será

⁷Suprimentos Remanescentes – Categoria de desembarque que consiste dos suprimentos de assalto e equipamentos que não foram incluídos nas cargas prescritas (CPI e CPU), nos Depósitos Flutuantes nem nos Suprimentos Helitransportados, portanto não se enquadram nas demais Categorias de Desembarque. Constituem a maior parte dos suprimentos transportados para a área de operações (BRASIL, 1994, p. 8-9).

fundamental. Preparar e encaminhar pacotes padronizados de suprimentos e serviços às unidades, levando em consideração as tarefas que estão cumprindo e as dificuldades próprias do ambiente operacional, fará a diferença no combate. A munição que chega com atraso, pode não encontrar mais o atirador que a necessitava.

Figura 6: Ressuprimento de comboios durante Operação Desert Storm.



Fonte: <https://cdn.theatlantic.com/static/infocus/iraq031813/i11_ORTXLUJF.jpg>

A Logística de Sustentação é aquela que repõe, periodicamente, os níveis de estoques do GptOpFuzNav em combate, garantindo sua **permanência** na ação. Ela é gerenciada por organizações externas à Força à qual o Grupamento estará subordinado. Essa organização, normalmente formada *ad hoc*, busca observar a cadeia logística prevista para a operação e distribui os recursos aos órgãos responsáveis pelo nível da campanha. A determinação de necessidades, nesse nível, ganha importância capital por envolver a necessidade de previsão de recursos para **emprego futuro**, mas para um **tempo** razoavelmente **dilatado** (BRASIL, no prelo a; BRASIL, no prelo b).

O CFN deve-se ocupar em garantir as capacidades logísticas estratégicas essenciais que permitirão adquirir armas e equipamentos, mobilizar e desmobilizar forças e efetivamente gerenciar o fluxo dos recursos do nível estratégico para o tático. De forma a apoiar, da melhor maneira, os GptOpFuzNav que puder formar (BRASIL, no prelo b, p. 2-8).

Logística do Nível Tático

A logística no Nível Tático se preocupa com a manutenção das Forças em operações dentro do TO. Envolve o desempenho efetivo das funções logísticas, principalmente durante o combate. O papel do CASC é fundamental nesse nível de aplicação da logística, pois dá suporte ao Conceito da Operação enquanto maximiza a flexibilidade e a liberdade de ação do Comandante do GptOpFuzNav. O ApSvcmb é a logística no Nível Tático (BRASIL, no prelo b, p. 3-19).

A Logística no Nível Tático é o campo dos gerentes do Nível do Combatente, isto é, os comandantes de pequenas frações, cuidando de determinar as necessidades em termos de recursos logísticos para que os Oficiais de Logística possam obtê-los e provê-los, satisfazendo aquelas necessidades. Os recursos empregados nesse nível geram necessidades para o gerente do Nível de Campanha, que estará no Comando do GptOpFuzNav e daí por diante até o gerente do Nível de Sustentação, caracterizando o chamado *continuum logístico*.



Figura 7: Pacotes de Suprimentos.

Logística do Nível Operacional

No nível operacional, a logística deve estar pronta para apoiar as tropas desdobradas no TO, deve ser capaz de transportá-las e a seus equipamentos e suprimentos; estabelecer bases de apoio intermediárias e avançadas; apoiar a chegada e reunião dessas tropas dentro do TO; reconstituir e reorientar os GptOpFuzNav para prosseguir em operações futuras, e prover-lhe comando e controle operacionais para o planejamento e gerenciamento desse esforço logístico (BRASIL, no prelo b, p. 2-8).

A Logística no Nível Operacional está relacionada à capacidade de o país, por intermédio do MD, organizar, empregar e sustentar forças em operações. Ela deve ser capaz de proporcionar condições apropriadas para que o CASC se estruture e opere desde suas bases em terra ou em coordenação com o apoio dos navios do Conjugado Anfíbio (BRASIL, no prelo b, p. 2-8).

Logística do Nível Estratégico

No Nível Estratégico a Logística liga a base econômica nacional – a população, os recursos primários e industrializados e a indústria – às operações militares. Ela envolve a gestão da mobilidade estratégica, combinando modais de transporte marítimo, fluvial, aéreo e terrestre. Depois de organizar o GptOpFuzNav e transportá-lo para o TO, caberá à Logística estratégica prever e prover os recursos para sustentá-lo em combate pelo tempo necessário ao cumprimento da missão. Aqui cabe ressaltar a ne-

cessidade de a inteligência estratégica e operacional fazer um amplo levantamento de dados sobre a possibilidade de utilização de recursos logísticos obtidos a partir de fornecedores locais, bem como verificar a capacidade de certas facilidades locais existentes como portos, aeroportos e campos de pouso, estradas e pontes, a fim de permitir o planejamento logístico tático do CASC (BRASIL, no prelo b, p. 3-3 e 3-4).

O apoio logístico que extrapole a capacidade logística disponível deverá ser provido por intermédio de mobilização, que será desencadeada segundo o Plano de Gerenciamento de Mobilização (BRASIL, no prelo b, p. 3-5).

A Experiência Comentada

Um artigo da *Marine Corps Gazette* descreve a experiência do Comandante do *1st Marine Logistic Group* (1ºMLG) que no *Marine Expeditionary Force Exercise 2018* (MEFEX18) exerceu o comando do *Logistic Combat Element* (LCE) de uma *Marine Expeditionary Force* (MEF), como já visto o equivalente ao nosso CASC. O artigo descreve já de início a experiência do comando na condução da Batalha de Retaguarda, indicando que para serem bem sucedidas as operações há que se ter comando e controle eficazes (C2) (CARLSON et al, 2019).

O Comandante do 1ºMLG foi designado como *Rear Area Command* (RACOM) e o Comandante do Regimento de Comando, como coordenador da área de retaguarda, tendo estabelecido o *Rear Area Operations Centers* (RAOC) adjacente ao PC do 1ºMLG.



Fonte: <https://archive.defense.gov/dodcmssshare/homepagephoto/2009-11/hires_227824ab.jpg>

O Regimento de Comando foi reforçado para permitir a execução eficaz de suas tarefas, com pessoal do G-3 (operações); do G-2 veio um oficial de inteligência especializado no gerenciamento da busca e análise de alvos; com dois Batalhões de Infantaria, um Batalhão de Polícia e um Destacamento de Assuntos Cívicos; o *3rd Marine Air Wing* (3^ªMAW) forneceu um oficial para o Controle Aerotático.

O comandante avaliou que a capacidade do Regimento de Comando era suficiente para operar numa escala de trabalho de 12 horas, porém insuficiente para suportar operações continuadas com ciclos de 24 horas de duração. Concluindo que, no MEFEX 18, foi clara a demonstração de que para fornecer apoio logístico adequado a uma MEF e servir como Comandante da Batalha de Retaguarda em grandes operações de combate, o 1^º MLG necessita de capacidades adicionais, tais como coordenação de apoio de fogo, coordenação de apoio de aviação e inteligência.

Ficou claro, também, que as operações de SEGAR requerem a capacidade para coordenar fogos letais e não letais, tendo sido reforçado de uma seção de ligação e mobilizar um centro de coordenação de apoio de fogos (CCAF) regimental. Da mesma forma, percebeu-se que o gerenciamento da SEGAR exige um elemento de apoio aéreo para coordenar suas próprias necessidades de apoio aéreo.

O exercício MEFEX 18 validou o requisito para aumento de forças de segurança (Infantaria e Polícia), reequilibrando suas capacidades, entre apoio logístico e forças de segurança. Outra capacidade que foi identificada como de grande demanda foram os assuntos cívicos.

Embora as necessidades tenham sido descritas para o nível de um MLG, eles se aplicam, também, a qualquer outro valor de CASC.

Há uma corrente de pensamento, dentro da comunidade logística, que afirma que os MLG e outros CASC devem se concentrar em sua missão de apoio de serviços ao combate, eximindo-se dos demais assuntos do comando da Batalha de Retaguarda. O comando do 1^º MLG argumenta o contrário, pois é uma questão fundamental para o próprio desempenho dessa atribuição: se não o CASC, quem? Que elemento do GptOpFuzNav está mais apto e alinhado às operações integradas a um hospital da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN); desdobrar um destacamento de apoio aéreo com aeronaves C-130; desdobrar as *Quick Reaction Forces* (QRF) da ISAF; e organizar uma *Operational Mentoring and Liaison Teams* (OMLT) para ajudar na formação de unidades militares das Forças Armadas do Afeganistão (RODRIGUES, 2011, p. 140).

O emprego de tropas de Portugal acompanhou a evolução das operações no terreno. Numa primeira fase disponibilizou-se unidades baseadas majoritariamente em destacamentos da Força Aérea, destinados ao apoio logístico e ao comando e controle de instalações aéreas. Numa segunda fase, já contando com a prioridade de meios do Exército, disponibilizou-se unidades de combate. Finalmente, numa terceira fase apoiou à constituição de forças armadas e forças de segurança afegãs, projetando equipes de formação e ligação.

O Autor lista abaixo uma série de Lições Aprendidas, particularmente com relação à SEGAR:

- **Adequada Proteção da Força:** considerando a especificidade do TO, foi muito importante proceder à adequação das medidas de segurança à evolução da situação operacional.
- **Maior Capacidade de Sustentação Logística:** em vista das dificuldades do canal logístico, houve uma demanda por procedimentos excepcionais como a contratação de empresas especializadas e a manutenção de maiores estoques.
- **Localização Centralizada:** apesar da dispersão dos pontos, foi vantajosa uma maior concentração possível do contingente nacional, maximizando os meios logísticos e de segurança.
- **Melhoria na Contratação e Emprego de Tradutores:** apesar de não parecer ter relação com a SEGAR ela foi considerada como fator importante na melhor integração com a população local e melhorando, também, as condições de segurança.
- **Coordenação com os Diversos Atores no Terreno:** o conhecimento mútuo, com afegãos, com entidades da ISAF e outros atores (ONU e ONG), facilitou a coordenação de diversas tarefas.
- **Adequação de Procedimentos às Leis e Costumes Locais:** esse aspecto permitiu uma maior facilidade no cumprimento da missão, em especial quando dependia da ligação e criação de laços pessoais e profissionais.
- **Desenvolvimento de Ações Humanitárias:** apesar de não constarem da missão específica das forças nacionais, foi um grande facilitador para uma eficaz integração.

Conclusão

De tudo que vimos neste artigo, podemos sumarizar dizendo que, para que se possa sustentar um GptOpFuzNav em operações continuadas, é de vital importância entender que o Comandante do CASC é o comandante natural da Batalha de Retaguarda, como bem observou o Comandante do 1ºMLG no exercício MEFEX 2018. Ele está inexoravelmente ligado a Segurança da Área de Retaguarda simplesmente porque não há outro comandante com igual relevância, dentro da estrutura do GptOpFuzNav, capaz de realizar essa tarefa.

Para bem jogar o jogo da Batalha de Retaguarda o Comandante do CASC tem que visualizar, desde o início, onde estão as suas Áreas de Operações, de Influência e de Interesse, e quem são os outros comandantes com os quais têm de se ligar para poder obter apoio mútuo e fluxo de informações a respeito dessas áreas. Precisa estruturar corretamente a sua força e o seu comando de forma a fazer face, não só a própria sustentação do combate, segundo o entendimento logístico do problema, mas também a sobrevivência da logística que ele provê aos demais componentes do GptOpFuzNav. Essa sobrevivência é, em última análise, a segurança de sua própria tropa, bem como de outros elementos existentes na Área de Retaguarda.

O sucesso da operação do GptOpFuzNav depende, em grande medida, dessa capacidade de sustentar o combate brindado pelo CASC. Logicamente ele depende, também, da capacidade do CFN e da Marinha e, porque não dizer, do próprio País em sustentá-lo pelo tempo que durar a operação.



Referências

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-1301:** Manual para Instrução de Operações de Forças de Desembarque. Rio de Janeiro, 1994.

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-1-5:** Manual de Operações Terrestres de Caráter Naval. Rio de Janeiro, 2020.

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-30:** Manual de Operações dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro. No Prelo a.

BRASIL. Marinha. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-40:** Manual de Logística dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro. No Prelo b.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-300:** Plano Estratégico da Marinha – PEM (Rev3). Brasília, DF, 2017a.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. **EMA-305:** Doutrina Militar Naval – DMN (Mod.1), 2017b.

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD30-M-01:** Doutrina de Operações Conjuntas. Brasília, DF, 2011. v. 1.

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01:** Glossário das Forças Armadas. 5. ed. Brasília, DF, 2015.

CARLSON, Katharine E.; EDWARDS, Joshua S.; HENSIEN, James R.; SKLENKA, Stephen D. LCE as Rear Area Command: 1st MLG embraces the RACOM mission. **Marines Corps Gazette**, Quantico, VA, v. 103, n 3, mar. 2019.

ESTADOS UNIDOS. Marines Corps. **MCDP 1-0:** Marine Corps Operations. Washington, DC., 2011.

ESTADOS UNIDOS. MCTP 3-30C: Rear Area Operations (Formerly MCWP 3-41.1). Washington, DC., 2000.

MONTEIRO, Álvaro Augusto Dias. A Próxima Singradura. **O Anfibio**, Rio de Janeiro, n. 28, 2010.

RODRIGUES, Domingos. As Forças Armadas Portuguesas no Afeganistão. **Nação e Defesa**. n. 130 – 5.ª Série. Lisboa, 2011. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7645/1/NeD130_DomingosRodrigues.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.